

IMANÊNCIA E DEVIR-ANIMAL NA OBRA DE ALEXANDER MCQUEEN

Immanence and becoming-animal in the work of Alexander McQueen

GT8 - MODA E TERRITÓRIOS DE EXISTÊNCIA: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E SUBJETIVAÇÃO

Fabio Parode – UNISINOS- fparode@gmail.com

Maximiliano Zapata – PUCRS – maximiliano.zapata@acad.pucrs.br

Ione Bentz¹ – UNISINOS- ioneb@unisinós.br

Resumo: este ensaio busca compreender a lógica de construção do sentido na obra de Alexander McQueen. Para enfrentar tal problema, aproximamos o campo da moda com o da filosofia, dentro da qual articulamos noções de estética, imanência, semiótica e design. Alexander McQueen com sua obra, questionou o processo de desenvolvimento sustentável do planeta. Aqui, iremos explorar de forma especulativa, o conjunto de conceitos e valores simbólicos presentes na sua obra para abordar a temática de fundo que é a deriva cultural e a mutação da espécie humana. No escopo deste ensaio, questionaremos qual é a matéria semiótica de McQueen quanto a sustentabilidade. O ensaio está organizado em quatro seções temáticas buscando responder aos conteúdos imanentes ao discurso de McQueen. As temáticas assim organizadas são: a imanência e o devir; o trágico e a deriva; o híbrido e o louco; sustentabilidade e crise.

Palavras-chave: moda; McQueen; devir, cultura; sustentabilidade

*Abstract: This essay seeks to understand the logic of **meaning construction** in the work of Alexander McQueen. To tackle such problem we approach the field of fashion philosophy of immanency within which, we present notions of aesthetics, semiotics and design. Alexander McQueen has inquired in his work the process of sustainable development of the planet. Here we will explore speculatively the set of concepts and symbolic values present in his work to address the basic matter of which is the cultural drift and mutation of species. In the scope of this essay we will examine what is the semiotic field of McQueen as sustainability. The text is organized into four thematic sections seeking to answer to the immanent content of McQueen's ideas. The topics are well organized: immanence and becoming; the tragic and the drift; the hybrid and the mad; sustainability and crisis.*

Keywords: fashion, McQueen, becoming, culture, sustainability

¹ Pesquisadora Colaboradora.

² Traduzido do francês por Fabio Pezzi Parode

³ No original: Défaire l'organisme n'a jamais été se tuer, mais ouvrir le corps à des

Considerações iniciais

O presente ensaio propõe uma reflexão sobre a produção de sentido na moda, mais particularmente, na moda proposta por Alexander McQueen. Para tal, de forma transdisciplinar, busca-se referências no campo da Filosofia, da Moda e do Design. Questiona-se a moda enquanto artifício de produção de conceitos, enquanto dispositivo e meio de se gerar novas experiências sensíveis. Interessa-nos aqui investigar a moda que segue a tradição filosófica de colocar questões, ou seja, *a moda que faz filosofia*, instigando a reflexão e deslocando a percepção comum. O objeto de moda em questão encontra-se nos limites da arte, inaugurando possibilidades inusitadas de sentidos. Assim, para dar conta do conjunto de questionamentos que pretendemos engendrar, partimos de um olhar semiótico sobre algumas peças do estilista inglês Alexander McQueen (1969-2010).

Gilles Deleuze no seu livro *Logique de la sensation* (1981), faz uma investigação sobre o processo imanente na construção da imagem na obra de Francis Bacon, levantando questões sobre os princípios estéticos que regulam o processo de formação das imagens desse artista e sua possível relação com os fluxos do desejo. Chega a conclusão de que Francis Bacon rompe com a narrativa inaugurando um espaço de isolamento da figura, o que, por analogia, nos remeteria à questionamentos sobre a condição humana, sua finitude e aos mecanismos que lhe tolhem a liberdade, que controlam sua libido. Partimos do pressuposto que há entre McQueen e Bacon similaridades quanto a produção estética de suas obras ou seja, quanto ao modo de operação do desejo no processo imanente que leva à construção de um imaginário que sustenta um repertório em termos de linguagem e expressão, como é o caso dos artefatos de moda e das obras de arte. Entretanto, se por um lado Bacon fez obras de arte, especialmente pinturas, cujo princípio imanente foi a violência, McQueen fez artefatos para moda, buscando um diálogo entre a linguagem dos estilos desse campo e a estética futurista inscrita em um mundo imaginário cuja ordem transcende os limites da fantasia, permitindo-nos associar suas imagens a estudos

científicos e filosóficos sobre a mutação e a perspectiva híbrida da humanidade.

Sim, o desejo é a matéria chave para compreendermos este paradigma. O desejo na perspectiva deleuziana, ao contrário da compreensão psicanalítica, não é falta, mas sim potência. A própria noção de potência já derivada da corrente filosófica conhecida como Vitalismo (iniciada na Europa no século XVIII), encontra em Espinoza, um dos seus grandes pensadores, seja, na ordem do elã vital ou, mais genericamente, na da substância que corresponderia a energia dos corpos vivos em oposição ao mundo inerte. Os corpos vivos se reproduzem, e para tal, desenvolvem estratégias e táticas de sobrevivência, assim como mecanismos de conservação e expansão de seu gene. Assim, junto com a problemática da imanência dos corpos, sua potência e intensidade do desejo, encontra-se àquela que diz respeito a replicação do gene no tempo e no espaço, ou seja, a capacidade de reprodução e conservação das espécies. A autopoiese dos sistemas vivos é parte integrante desse processo. De todo modo, é fundamental percebermos o fato de que os corpos produzem um esforço para preservar-se na existência, caracterizando aquilo que Espinoza chama de *conatus*. Segundo ele,

“a necessidade é portanto uma exigência determinada, quantitativamente e qualitativamente, de igualdade, de equilíbrio e de identidade nas trocas. Se essas condições, que são exigidas pelo direito natural da coisa, não são satisfeitas, o corpo se coloca em perigo; ele tende então a faltar em si mesmo. Mas não é enquanto falta que o corpo procura aquilo que lhe é útil. É, ao contrário, enquanto ele afirma positivamente sua própria natureza ou sua própria virtude, portanto, enquanto ele age segundo suas próprias leis, aquelas de sua natureza comunicacional” (ESPINOSA, 2002, p. 27).²

Nessa esteira reflexiva, indo mais fundo na busca do substrato da obra de McQueen, ainda referimos Espinosa que percebe no horizonte das relações passionais, estruturas que podem ser associadas a tristeza ou a alegria. Facilmente podemos construir um quadro de valores éticos com relação a preservação da vida, tendo como base essa dicotomia elementar entre o que produz tristeza ou alegria nos corpos. Esta lógica remete-nos ao

² Traduzido do francês por Fabio Pezzi Parode

universo das afecções dos corpos, sejam eles físicos ou imateriais. Para o filósofo, a paixão triste tira a potência do corpo; já a paixão alegre coloca-o num movimento de realização de sua potência. Assim, percebe-se que todos os corpos estão em cadeia sistêmica, e do contato que uns tem com os outros, ou seja, do lugar onde é possível estar um pouco mais perto ou um pouco mais distante, afeta-se o outro em um *continuum* de espaço-tempo com maior ou menor intensidade.

No escopo desse ensaio, selecionamos um conjunto de artefatos, entre vestuário, sapatos, maquiagem, que compõem o cenário mítico e fantástico proposto por McQueen, durante o desfile *Plato's Atlantis* (Primavera/Verão 2010-Paris).

Se, para Deleuze “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos (1993, p. 10), consideramos que não seria tão diferente para McQueen do ponto de vista da moda. A moda de McQueen expande as sensações e leva-nos às fronteiras entre o real e o surreal, descortinando não apenas imagens, mas estratégias discursivas com às quais revela-nos seu universo pictórico através da moda. Sobre o que mesmo está tratando McQueen? Qual é a matéria de sua semiótica? O que a sustentabilidade tem a ver com o discurso desse estilista? As temáticas que se cruzam no discurso de McQueen e que serão abordadas neste ensaio são: a imanência e o devir; o trágico e a deriva; o híbrido e o louco; a sustentabilidade e a crise.

1. Imanência e devir-animal

O estilista Alexander McQueen instaurou com seu discurso de moda um significante inusitado no campo: o devir-animal do homem. O desfile *Plato's Atlantis* criou metáforas visuais para representar a intensidade animal no corpo do homem, sob os signos da moda. No conjunto dessas metáforas aparece a condição trágica do humano, sua finitude como significante e o nascimento de um ser híbrido com a anatomia dos seres do mar.

A partir de Deleuze (1995), considera-se que as linhas e velocidades no discurso de McQueen, apresentam-se através das formas rizomáticas e

arborescentes, que, assim como ocorre em Bacon, remetem à violência do existir, afirmação de uma presença aprisionada em uma lógica de consumo permanente. Para o filósofo Deleuze,

“há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, envoltórios de desterritorialização. As velocidades comparadas de escoamento, conforme estas linhas, acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitações e de ruptura. Tudo isso, as linhas e as velocidades mensuráveis, constituem um agenciamento.” (DELEUZE, 1995, p. 12)

Da obra de McQueen, assim como na de Bacon, identificamos formas e signos que remetem a uma estética associada à violência. Formas de violência que gritam e não sussurram, permitindo a *catarse* pelo objeto esquizo, pela experiência estética que suscita a morte.



Figura 1: Bacon em 1952, retratado pelo fotógrafo John Deakin

Fonte: <http://www.visualnews.com/2014/04/08/francis-bacon-man-behind-worlds-expensive-work-art/> Acessado, 16/05/2014.

Figura 2: Alexander MacQueen com máscara.

Fonte: <http://megcz.blogspot.com.br/2013/02/tribute-to-lee-alexander-mcqueen.html> Acessado, 16/05/2014.

2. O trágico e a deriva

A fuga do humano transparece na obra de ambos os artistas, multiplicidade de intensidades, expressões de uma existência em devir. Para Deleuze “linhas de fuga ou de desterritorialização, devir-lobo, devir-inumano, intensidades desterritorializadas – é isto a multiplicidade (Deleuze, 1995, p.

46). O agenciamento de McQueen através do discurso da moda, postula um sentido: Cuidado! Observem para onde estamos indo! Há beleza, mas também há morte... Assim, percebe-se um gradual, porém acelerado movimento na direção de uma cultura pós-humana. Entende-se que o mundo globalizado com o aporte das tecnologias de última geração, apresenta-se como um imenso território rizomático, onde os mercados são tão múltiplos quanto as culturas. Se estamos aqui questionando as fronteiras do humano é porque na verdade, estamos questionando as fronteiras do próprio corpo. Assim, a obra de McQueen, questiona os limites do próprio corpo. Um sentido novo passa a desenhar o ser no horizonte do mundo pós-humano.

Conforme a teses de Leroi- Gourhan, o processo de mutação das espécies se dá por uma série de liberações de tensões no corpo que permitem a evolução e a adaptação de determinados órgãos ao meio ambiente. Segundo ele,

“em uma perspectiva que vai do peixe da era primária ao homem da era quaternária, acreditamos assistir a uma série de liberações sucessivas: aquela do corpo inteiro com relação ao elemento líquido, aquela da cabeça com relação ao solo, aquela da mão com relação à locomoção e finalmente, aquela do cérebro com relação à máscara facial” (LEROI-GOURHAN, 1964, p. 41).

Ainda conforme o autor: “fazendo a escolha de formas pertinentes colocamos em evidência uma longa pista regularmente ascendente sobre a qual cada liberação marca uma aceleração cada vez mais considerável” (LEROI-GOURHAN, 1964, p. 41). Vem ocorrendo um processo acelerado de ‘liberações’ o que nos leva a questionar, assim como questiona McQueen com sua obra, sobre as possíveis transformações das formas do corpo, exigindo da imaginação do estilista estratégias de adaptação de seus artefatos, ou seja, novas linguagens para a moda, buscando contemplar as possíveis linhas de fuga das massas musculares emergentes.

3. O híbrido e o louco

A história da arte nos fornece ícones com formas híbridas e seres que nos fazem questionar os padrões e limites entre a loucura e a normalidade. “Bacon foi um desses acrobatas de labirintos. Buscava a excitação golpeando o medo, invadindo as sombras, dilacerando a carne, desfiando os nervos.”(PARODE, 2012, p. 189). O híbrido e o louco aparecem como figuras míticas que assombram a ordem. Deleuze diz que “desfazer o organismo nunca foi se matar, mas abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, de circuitos, de conjunções, de limiares, passagens e distribuições de intensidade, territórios e desterritorializações medidas à maneira de um topógrafo”(DELEUZE, 1980, p. 198)³. Assim, as figuras que remetem aos confrontos entre os padrões estabelecidos pela cultura e sociedade, e às emergências de um corpo em devir, levam-nos a questionar os valores subjacentes aos modelos idealizados e investidos de um poder de representação como ícones da beleza, da ordem e do bom. Do ponto de vista da representação visual, temos a oposição entre estéticas que exploram a dinâmica visual do movimento, como por exemplo as estéticas do barroco, e àquelas que buscam a forma idealizada de um padrão estável, imóvel, transmitindo a sensação de eternidade, tal como ocorre nas estéticas do clássico. Tanto McQueen quanto Bacon, ao expressarem em suas obras o movimento de um corpo, dado pela mutação e pelo rasgo de um limite sobre outro, liberam intensidades e agenciam uma produção de sentido que rompe com a arquitetura do poder da bela forma, instaurando pela dinâmica das sensações, o princípio ativo da liberdade de expressão e da produção de diferenças. Como diz Deleuze, a propósito da lógica da sensação em Bacon, “toda sensação, e toda Figura, já é da sensação ‘acumulada’, ‘coagulada’, como em uma figura de calcário. (DELEUZE, 1981, p. 29)⁴. Entretanto, apesar da diferença de formatos entre desfiles de moda e pinturas, consideramos que um desfile apresenta-se como um formato dentro do qual

³ No original: Défaire l’organisme n’a jamais été se tuer, mais ouvrir le corps à des connexions qui supposent tout un agencement, des circuits, des conjonctions, des étagements et des seuils, des passages et des distributions d’intensité, des territoires et des déterritorialisations mesurées à la manière d’un arpenteur.

⁴ No original: Toute sensation, et toute Figure, est déjà de la sensation ‘accumulée’, ‘coagulée’, comme dans une figure de calcaire.

podemos identificar pictogramas, massas plásticas que, para além da física, remetem a um imaginário que pode ser tanto mais associado ao movimento, com ao seu contrário, ou seja, associado ao repouso. No caso de McQueen fica explícita sua preferência pelo movimento, pelo híbrido, pelo jogo entre o grotesco e o sublime da natureza à qual faz referência. O louco, no discurso de McQueen aparece como a grande metáfora: a sua crítica da modernidade, do homem contemporâneo já enlouquecido pelo consumo e refém de um destino incerto. O louco é aquele homem que imagina o progresso sem considerar a sustentabilidade do planeta. Essa imagem crítica que nos aporta McQueen, quanto ao homem moderno, vivendo a loucura do consumo, nos remete a uma imagem do proto-Renascimento produzida por Hieronymus Bosch, *A nau dos loucos*. Esta imagem ilustra bem o louco e a deriva da cultura contemporânea.



Figura 3: Hieronymus Bosch. *A nave dos loucos*, Óleo sobre madeira, 57,8 x 32,5 cm. Paris, Museu do Louvre.
Fonte: coleção Benedikt Taschen Verlag GmbH, 1991, p. 29.

4. Sustentabilidade e crise

Atlântida é um dos mitos mais instigantes trazidos por Platão em seus diálogos filosóficos. Ele descreve uma cidade extraordinária, abundante, com uma organização social e política avançada, e em relação harmoniosa com a natureza. Platão enfatiza o equilíbrio e as condições de sustentabilidade de Atlântida: “a ilha produzia tudo em abundância, e, no que respeita aos animais, alimentava convenientemente os domesticados e os selvagens”

(PLATÃO, 2012, p.233). Este mito é uma das referências utilizadas por McQueen.

Em “Plato’s Atlantis” (Atlântida de Platão) McQueen, numa perspectiva de crise ambiental, gera grande impacto na produção do seu último desfile. Ele deixou em evidência a problemática do desenvolvimento sustentável e uma possível solução. Desafiando a natureza, inspirado nos processos evolutivos, ele propõe nas suas peças, uma combinação de elementos que se relacionam intrinsecamente com os de transmutação darwiniana: uma resposta aos problemas ecológicos contemporâneos?

A transmutação nos processos de adaptação das espécies ao entorno é próprio da natureza, nesse sentido, a coleção de McQueen, se encontra repleta de signos, que nos serviram de amostra para dar continuidade ao nosso ensaio.

Na segunda parte deste desfile, McQueen apresenta com a simbologia expressa de suas peças, a perda de uma condição de homem que domina a natureza, ou seja, a grande exposição de componentes que afetam de modo extremo o planeta, misturado com o nascimento de um ser híbrido. Ele se serve do mito grego das Nereidas, isto é, utiliza-se de figuras híbridas entre o humano e os peixes, lançando-se no paradigma evolutivo de adaptação das espécies.



Figura 4: Nereidas no nascimento de Vênus, La Fuente de las Nereidas de Lola Mora.

Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/11037860> acessado: 15/05/14

No entanto, segundo o filósofo a ilha pereceu sob a fúria do mar em menos de um dia, sem deixar vestígios. Em “Plato’s Atlantis” (Atlântida de Platão) McQueen, questionando a crise ambiental gera grande impacto na produção do seu último desfile. Ele evidenciou a problemática do desenvolvimento sustentável. Desafiando os padrões da natureza e inspirado nos processos evolutivos, ele propõe, nas suas peças uma combinação de elementos que se relacionam intrinsecamente com a teoria da transmutação darwiniana, e consegue ilustrar de forma espetacular, a emergência de corpos mutantes. Ainda na segunda parte deste desfile, McQueen apresenta uma simbologia expressa nas suas peças: a possível perda das condições de vida daquele que domina à natureza, ou seja, a grande exposição de componentes que estão supostamente afetando o equilíbrio ambiental do planeta. Assim, inspirado pelo mito de Atlântida, o estilista parte para um jogo de desconstrução das formas, ou seja, se valendo do mito, ele modifica as formas humanas, preparando suas modelos como verdadeiras ninfas-do-mar. Nas palavras de Lars: “a moda é também, portanto, uma batalha constante para preencher o significado que está sendo gasto com crescente rapidez. Muitas vezes esses significados são preenchidos mediante referências ao mundo além da moda” (SVENDSEN, 2010 p.80-81).



Figura 5: Nereidas (*sea nymphs*) no desfile Plato’s Atlantis de McQueen.
Fonte: <http://www.shhh.fm/trilhas/19-atlantida/>, acessado: 15/05/14.

Esta coleção de McQueen recupera a problemática ecológica, buscando adaptar seres míticos à realidade, fazendo uso de roupas

extravagantes, penteados e maquiagem futuristas, tudo isto para evidenciar a capacidade humana de se adaptar às condições do ambiente. Na figura nº5 as ninfas-do-mar estão prontas para voltar ao oceano.



Figura 6: Armadillo Shoes, utilizados no desfile Plato's Atlantis

Fonte: <http://tweleveth.com/2010/04/28/armadillo-heels-plato-atlantis/>, acessado 15/05/14.

O apelo à natureza está presente nos sapatos criados por McQueen, mimetizando peles de animais, vegetação e corais. Com estas criações o estilista explorou novas texturas, cores e inovou na forma do sapato feminino, respondendo talvez a sua concepção de homem em processo de mutação. Fazem parte do chamado Armadillo Shoes, uma ruptura com os padrões clássicos de sapatos, onde a forma seguiria as linhas do corpo. Neste caso, a forma segue as linhas de um corpo mutante entre o mundo terrestre e o aquático.



Figura 7: Modelos de McQueen com maquiagem e apliques nos rosto.

Fonte: <http://www.fernandoirigoyen.com/the-blog/lady-gaga-born-this-way-single-cover-a-mcqueen-tribute-> acessado, 15/05/14.

No caso da face das modelos, o que fica em evidência é a mutação extrema que elas estão sofrendo, ou seja, a desconstrução da forma humana. Embora com a mutação realizada, os rasgos de humanidade ainda estão presentes nas modelos, mas a adaptação ao mundo marinho está em pleno processo. A volta para a Atlântida de Platão se instaura no imaginário do McQueen e ele o realiza no plano tangível.

O estilista, no seu último desfile, experimenta o uso de novas texturas e formas. No caso das Ninfas-do-mar, os vestidos delas, possuem uma forma assimétrica em perfeita sincronização com o corpo feminino, as cores em tons diversos com vários gradientes de azul, um possível recurso de camuflagem para ficarem indistintas no alto mar. Além das formas volumosas expressarem o movimento d'água, os vestidos também apresentam uma gama de combinação entre as cores marinhas, texturas com esquemas de peixes e corais.



Figura 8: Vestidos da coleção Plato's Atlantis

Fonte: <http://atramental.wordpress.com/2010/02/16/alexander-mcqueen-passes/> acessado 16/05/14.

A inclinação de McQueen sobre a desconstrução da forma humana se expandiu além das passarelas, indo até o universo Pop. A artista Lady Gaga, possivelmente inspirada nos seres híbridos de McQueen aderiu a esta tendência futurista.



Figura 9: Capa de edição de luxo do álbum de Lady Gaga "Born this way"

Fonte: <http://galleryhip.com/born-this-way-album.html> acessado 16/05/14.

Após ter efetuado uma breve análise do desfile de McQueen, em especial a segunda parte, concluímos que a imagem de um ser híbrido é ponto focal da coleção. As combinações realizadas durante todo o desfile nos levam a pensar que o estilista estava considerando o surgimento de uma raça de super-homens capazes de se adaptarem à nova realidade. Este indício faz surgir uma nova incógnita: será que, enquanto sociedade, daremos conta da problemática ecológica, ou será necessário o surgimento

de um novo homem para dar continuidade ao que possa restar da humanidade?

Considerações finais

Este ensaio teve como proposta discutir e refletir sobre a matéria semiótica do estilista inglês Alexander McQueen, ou seja, buscamos os significantes de seu discurso, suas referências e tentamos localizar as questões de fundo de sua obra. A sustentabilidade aparece como uma de suas inquietações, assim como, o futuro da humanidade, da espécie enquanto ser distinto, levando-nos a questionar os limites da forma homem. Com o aporte da filosofia da imanência, da estética e do design, construímos um referencial teórico para tratar as questões suscitadas pela moda de McQueen, identificamos três eixos temáticos ao longo das nossas análises e reflexões: a imanência e o devir; o trágico e a deriva; o híbrido e o louco, sendo a sustentabilidade e a crise, um tema transversal que aqui serviu-nos como substrato para o questionamento sobre a estética, a cultura e os devires do humano. Identificando paralelos entre a estética do pintor inglês e McQueen, podemos explorar o universo de construção do sentido, buscando a lógica subjacente ao fluxo de desejo e aos agenciamentos de ambos criadores. Por fim, a análise nos levou a identificar que a dinâmica de McQueen, na forma de espetáculo e estilo de moda, reservou não apenas uma crítica da modernidade tardia, mas também uma imagem do devir da humanidade.

Referências

DELEUZE, G. *Francis Bacon, Logique de la sensation*. Tome I, Paris, Éditions de la différence, 1981.

DELEUZE, G. O que é a filosofia? Trad. de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Mille Plateaux: capitalisme et schizophrénie 2. Paris: Les éditions de minuit, 1980.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo, Ed. 34, 1995.

LEROI-GOURHAN, A. Le geste et la parodie. I. Technique et langage. Paris: Éditions Alain Michel, 1964.

PARODE, F. Arte como dispositivo de poder. In: ROCHA, A. BENTZ, I. (org.). Percursos semióticos: significação, codificação semiótica e interface. São Paulo, Editora Cazuá, 2012.

PLATÃO. Timeu-Críticas. Coimbra: Editor Centro de estudos clássicos e humanitários, 2011.

SVENDSEN, L. Moda, uma filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.